

O HOMEM EM SOCIEDADE EM CLARA DOS ANJOS, DE LIMA BARRETO¹

Natália Andrade do Nascimento

Graduada em Letras com habilitação em Português e Inglês pela Faculdade Sete de Setembro – (FASETE)

RESUMO

Percebe-se que quando se trata de preconceito, a sociedade não mudou muito desde começo do século XX até os dias atuais, embora seja feita de forma velada. O homem, diante do progresso da industrialização e da modernização, acaba esquecendo os princípios básicos para a construção de um cidadão honesto, digno e de caráter. Diante disso, este trabalho objetiva possibilitar às pessoas, uma conscientização no que diz respeito à condição de ser e estar do homem em sociedade, através da obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto. Observa-se assim, as atitudes, costumes, culturas, religiões e os comportamentos do indivíduo nas mais variadas situações da vida, além de evidenciar o regionalismo proposto por Barreto, que ajuda a desvendar o comportamento social dos que se encontram nessa obra.

Palavras-chave: Homem. Sociedade. Regionalismo. Preconceito.

ABSTRACT

Society is becoming more individualistic and prejudiced, the man in front of the progress of industrialization and modernization, has forgotten the basic principles for the construction of an honest citizen, and worthy character. Thus, this work aims to allow people a better awareness in regard to the condition of being and being of man in society through work *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto. There is thus, attitudes, customs, cultures, religions and behavior of individuals in various life situations, and show a regionalism in Lima Barreto, who helps to unravel the social behavior of some is that with this work.

Keywords: Human. Society. Regional bias.

INTRODUÇÃO

O individualismo na sociedade tem contribuído bastante para alterações em alguns comportamentos, as pessoas não se importam mais com o seu papel social diante do mundo ou do seu semelhante. Dessa forma, através do romance *Clara dos Anjos*, procuramos compreender como os indivíduos agem diante de algumas situações como: a gravidez na adolescência, o preconceito social e racial, diálogos inexistentes com os pais, a falta de amor, compreensão e respeito com o próximo.

O romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, é uma obra que marca a transição do século XIX para o século XX, o que chamamos de Pré-Modernismo. Nessa época começavam a surgir inovações na literatura brasileira como a ruptura com o passado, a denúncia da realidade brasileira, o regionalismo que se fazia presente nessa época, os tipos humanos marginalizados e a ligação com fatos políticos, econômicos e sociais contemporâneos.

Sendo assim, Lima Barreto retrata esses aspectos nessa obra, por isso foi um romance bastante lido pelo público da época, não só pelo fato de denunciar as irregularidades políticas e sociais que predominavam naquele tempo, mas pelo fato de o autor apresentar a personagem *Clara dos Anjos*, uma mulata pobre que é apresentada na obra de uma forma meiga, sensível, ingênua e que se depara com vários preconceitos da sociedade que dita os modelos a serem seguidos.

Nesse contexto, o Regionalismo foi de grande relevância para a análise da obra em estudo, pois, a região em que se vive também influencia o comportamento do ser humano, pois, a depender do lugar em que moramos,

¹ O presente é parte da Monografia de mesmo nome defendida em 2008, na faculdade sete de Setembro, orientada pela professora Msc. Maria do Socorro Pereira de Almeida.

adotamos costumes, culturas, sofremos influência do ambiente em que vivemos. Mesmo numa visão menos determinista do que a que ainda regia na época, o meio, segundo Lima Barreto, até certo ponto influencia o homem, tanto para o bem quanto para o mau, embora saibamos que cada um tem seus próprios princípios e atitudes.

Essa perspectiva se constata na sociedade atual, onde se vê que a grande massa é levada pela força da mídia a ser apenas um consumidor do que ela vende e um espectador do que lhe é apresentado, sem questionamentos ou atitudes contrárias a esse “poder”. É nessa perspectiva que Stuart Hall (2006) mostra a descentralidade da cultura na sociedade atual.

Quando se trata diferenças culturais de pessoas de outro lugar ou país, a adaptação vai depender de cada cidadão, geralmente, os europeus nem sempre conseguem adaptar-se ao nosso país, por isso trazem muitas de suas características para o Brasil, e aumenta a influência da cultura européia no território brasileiro, ao mesmo tempo em que esses moradores recebem influências das culturas brasileiras. Isso ocorre em todos os países.

Portanto, este estudo busca, de certa forma, desmascarar determinadas situações e contribuir assim com a conscientização humana no que diz respeito ao olhar do homem para o outro. Além de observar o regionalismo proposto por Lima Barreto. Dessa forma vê-se também a condição de ser e estar dos personagens Barretianos na sociedade fictícia de *Clara dos Anjos*, uma vez que trata-se de uma obra que além de trazer o preconceito social, as diferenças de classes, há também o preconceito de cor, realidades estas vividas também pelo autor.

1 O HOMEM EM SOCIEDADE, EM *CLARA DOS ANJOS*, DE LIMA BARRETO

Lima Barreto por ser mestiço e ter vivido na pobreza, expõe todos os seus sentimentos de amargura e inferioridade dentro de suas obras, que são todas de cunho social e retrata o homem em sociedade. Dessa forma, foi escolhida dentre elas, *Clara dos Anjos*, que além de abordar o regionalismo, vai mostrar a condição de ser e estar do homem em sociedade.

O Regionalismo dessa época merece destaque, pois já apresentava a valorização de costumes e culturas de uma determinada região, e descrevia detalhadamente o convívio de pessoas a exemplo das colônias, cortiços e áreas rurais, perceptível em quase todos os trabalhos literários pré-modernistas. O regionalismo é “uma tendência de apegamento às coisas de determinada região de um país, valorizando-lhe certas peculiaridades culturais, históricas, políticas e geográficas” (SOUZA apud DINIZ, 2005, p. 415).

Lima Barreto, em *Clara dos Anjos* apresenta esse regionalismo por meio da região do Rio de Janeiro, e retrata a cidade de uma forma detalhada, ao mostrar as várias faces existentes na região, atribuindo uma divisão entre ricos e pobres. A zona urbana com suas mazelas sociais, mas como ambiente representante do desenvolvimento e de maior poder aquisitivo, embora mostre também os que vivem à margem da sociedade como os bêbados e as prostitutas, e a zona suburbana que representa o lado pobre, a vida dos “esquecidos por Deus”. Como podemos ver no trecho a seguir:

Afastando-se do eixo da zona suburbana, logo o aspecto das ruas muda. Não há mais grades de ferros, nem casas com tendências aristocráticas; há o barracão, a choça e uma ou outra casa que tal. Tudo isso muito espaçado e separado; entretanto, encontram-se, por vezes “correntes” de pequenas casas, de duas janelas e porta ao centro, formando o que chamamos “avenida”. (BARRETO, 2006, 82-83)

Lima Barreto quando aborda os dois mundos diferentes, traz para a reflexão o fato de a zona urbana ser habitada por pessoas de melhores condições de vida, e a zona suburbana ser habitada somente por pessoas pobres e marginalizadas, situação essa, ainda vivenciada nos dias de hoje, mas só em algumas situações, uma vez que as cidades cresceram desordenadamente e hoje o que se vê é uma mistura de ricos e pobres que convivem no mesmo espaço, mas com formas de vidas bem diferentes, como se fosse dois mundos em um mesmo espaço.

O romance, *Clara dos Anjos*, aborda a história de Clara, filha única, 17 anos, mulata, que mora no subúrbio do Rio de Janeiro e vive aos cuidados extremos de seus pais. Diante de todas as dificuldades financeiras e do preconceito racial, social e a ingenuidade da menina, Clara, em sua festa de aniversário, conhece Cassi, um sedutor de moças que só quer saber de enganá-las, curtir a vida e tocar modinha. Clara cai na conversa do malandro e engravida, Cassi vai embora e Clara fica sozinha com o filho. Entretanto, esse romance é recheado de personagens representativos no que diz respeito ao comportamento do ser humano diante das diversas situações da vida. Nesse contexto analisam-se apenas alguns, os que tiveram maior relevância para o estudo.

Os pais de Clara, dona Engrácia e seu Joaquim são super protetores, fazem tudo para proteger a filha das maldades do mundo, Clara não pode sair sozinha, não vai nem na esquina da própria rua de casa, porque seus pais não deixam: Clara “era tratada pelos pais com muito desvelo, recato e carinho; e, a não ser com a mãe ou pai, só saía com Dona Margarida, uma viúva muito séria, que morava nas vizinhanças e ensinava a Clara bordados e costuras” (BARRETO, 2006, p. 19).

Esse tipo de comportamento chama a atenção dos pais que protegem demais seus filhos, e com o passar do tempo acabam se decepcionando, pois muitas vezes, esse tipo de atitude acaba sufocando o filho e desperta a necessidade de independência cada vez mais precoce, pois o proibido é sempre mais instigante. Como afirma Jussara Hoffmann:

Os pais, em sua missão de educar, controlam cada passo da vida dos seus filhos, sejam crianças, adolescentes e mesmo adultos. Acompanham suas tentativas, suas angústias, amigos, conquistas, doenças. Um controle, entretanto, que pode ajudar ou prejudicar os filhos em todas as idades. A superproteção pode prejudicar, assim como o autoritarismo, as proibições sem diálogo, as punições. (2006. p. 60-61)

Dona Engrácia é uma mulher submissa ao marido, dona de casa, não tem nenhuma iniciativa nas decisões tomadas na família, sempre obedece ao marido e faz tudo o que ele manda, “Muito boa, muito honesta, ativa no desempenho dos trabalhos domésticos; entretanto, era incapaz de tomar uma iniciativa em qualquer emergência. Entregava tudo ao marido que, a bem dizer, era quem dirigia a casa” (BARRETO, 2006, p. 60).

Engrácia representa a mulher brasileira, a dona de casa, a mulher que vive só para o lar e, por isso, se sente na obrigação de baixar a cabeça para o marido como se fosse propriedade dele, como se vê nas palavras do narrador (2006, p. 61) “O seu consórcio com Joaquim, ela o efetuará na idade de dezoito anos”. Dessa forma, observa-se Engrácia como um objeto comprado por Joaquim. Essa situação infelizmente ainda acontece nos dias de hoje, por mais que a mulher tente igualar-se ao homem ainda encontra muita resistência, pelo fato, de a mulher, culturalmente, estar em uma situação de inferioridade com relação ao homem.

Segundo Mariz (2006, p.01) “Duplamente discriminada, a mulher negra ganha menos que o homem e menos que a mulher branca”. Mas temos que admitir que, apesar de tanto preconceito, a mulher já teve muitas conquistas como o direito ao voto, ao trabalho, a exercer cargos que só homens tinham oportunidade, enfim, aos poucos, a figura feminina vem conquistando seu espaço, respeito e admiração na sociedade.

Na obra, Joaquim é um carteiro que gosta de modinha e de violão, aprecia a música e comanda a família em todos os problemas, é o “verdadeiro homem da casa”. Os pais de Cassi moravam em umas das melhores casas do subúrbio do Rio de Janeiro junto com suas filhas e o filho. O pai de Cassi, seu Manoel Borges, era um homem íntegro, concursado pelo estado e honesto, não se conformava com as atitudes do filho, como podemos ver no trecho a seguir:

- Culpa! Esse biltre sem senso moral algum; esse assassino, esse desgraçado que leva a corromper todas as moças e senhoras que lhe passam debaixo dos olhos, não quero mais aqui, não o quero mais na minha mesa. Diga-lhe isto, Salustiana; diga-lhe isto enquanto não o mato. (BARRETO, 2006 p. 30-31)

A mãe de Cassi, Dona Salustiana, além de preconceituosa, tinha mania de grandeza pelo fato de ter um irmão médico do exército, e ter herdado uma quantia em dinheiro de parentes ricos. Ela apresentava um comportamento cultural de superioridade da raça, não se misturava com negros e pobres, vivia em uma vida aparente, para ela, ser rico e branco era o que importava.

Na sociedade atual depara-se com pessoas de personalidade iguais a da mãe de Cassi, são pessoas hipócritas que aparentam ser uma coisa quando na verdade é outra totalmente diferente, não assumem sua própria condição de estar no mundo, passa por cima de tudo e de todos, para ocupar um lugar que não lhes pertence. A família de Cassi tinha uma condição financeira melhor do que alguns moradores do subúrbio, Dona Salustiana arrumava constantemente desculpas para inocentar o filho de seus crimes, protegia-o sempre em todas as situações, como podemos ver no diálogo entre Dona Salustiana e a mãe de uma das meninas que Cassi tinha desonrado:

- Minha senhora, eu não posso fazer nada. Meu filho é maior.

- Mas, se a senhora o aconselhasse como mãe que é, e de filhas, talvez abtivesse alguma coisa. Tenha piedade de mim e da minha filha, minha senhora.

E pôr-se a chorar e a soluçar.

Dona Salustiana respondeu amuada, sem demonstrar o mínimo, enternecimento por aquela dor inqualificável:

- Não posso fazer nada, no caso, minha senhora. Já lhe disse. A senhora recorra à justiça, à polícia, se quiser. É o único remédio.

A mãe de Nair acalmou-se um pouco e observou:

- Era o que eu queria evitar. Será uma vergonha para mim e para a senhora e família.

- Nós nada temos com o que Cassi faz. Se fosse nossa filha...

Não acabou a indireta injuriosa; levantou-se e estendeu a mão à desolada mãe, como que a despedindo. (BARRETO, 2006, p. 29)

Dona Salustiana não media esforços na hora de testemunhar a favor do seu filho, não admitia que Cassi se relacionasse com negras, costureiras, lavadeiras, enfim moças pobres, mas parecia em vão a vontade da mãe. “Em geral, as moças que ele desonrava eram de humilde condição e de todas as cores. Não escolhia” (BARRETO, 2006, p. 26), e Dona Salustiana com seu ar de superioridade não poderia ter uma nora pobre, nem um neto preto, para ela o seu filho merecia coisa melhor, uma mulher rica, de posses, que pudesse proporcionar a ele uma vida de mordomia, por isso Cassi não tinha preocupações ao “aprontar” com as moças ingênuas do Rio de Janeiro.

Segundo Carla Oliveira (2005, p. 01) “alguns pais exageram na dose e desenvolvem uma atitude até mesmo de devoção perante seu filho. Acabam criando um mundo irreal para ele, protegendo-o de tudo que possa aborrecê-lo”. Devido a essa superproteção alguns filhos acabam tornando-se rebeldes e os pais muitas vezes, são os culpados, por amenizarem esse comportamento. Esses papéis são, vivenciados por Dona Engrácia e Cassi, pois o diálogo, a atenção e o carinho, entre a família não existiam.

Jussara Hoffmann (2006, p. 61) afirma que “Há também o controle dos pais que se dá por olhares atentos, pelo afeto, diálogo constante, companhia”, itens essenciais para uma boa formação de caráter, afinal os pais são os maiores educadores e formadores de opiniões para os filhos.

Os filhos precisam ter uma convivência amigável dentro de casa, ter consciência na hora de escolher entre o certo e o errado, os pais não podem baixar a cabeça diante dos seus filhos como faz Dona Salustiana, e sim aconselhá-los diante de qualquer situação, exercer um controle sobre eles de forma moderável “Um controle que não limita, não cerceia, não se centra nos interesses ou nas determinações dos adultos, mas permite a criança a crescer, experimentar, ousar, torna-se autônoma,[...] consciente de suas próprias ações”. (HOFFMANN, 2006, p. 61).

Cassi Jones é um jovem de mais ou menos 27 anos, bonito, gosta de escutar e tocar modinhas, conquistador de moças ingênuas, casadas, viúvas, enfim, era só ser bonita, passar na frente dele e pronto, lá estava o alvo perfeito. Malandro, mau caráter, não tem muitos amigos e os que têm é só por interesses, sentimentos verdadeiros, nele, não existem, nem pela sua própria família como podemos ver no trecho a seguir:

Inútil é repetir que Cassi não tinha nenhuma espécie de amizade por esses rapazes, não pela baixeza de caráter e de moral deles, no que ele sobrelevava a todos; mas pela razão muito simples de que a sua natureza moral e sentimental era sáfara e estéril. A seus pais e suas irmãs, não o prendia nenhuma dose de afeição, por mais pequena que fosse. Mesmo com sua mãe, que o tinha retirado muitas vezes do xadrez dos xadrezes policiais, em vésperas de seguir para a Detenção, ele só tinha manifestações de ternura, quando estava às voltas com a polícia ou com os juízes. (BARRETO, 2006, p. 37)

Cassi cresceu em uma família cujo pai precisava trabalhar dia e noite, para sustentar a casa, devido às exigências de Dona Salustiana para manter a “pose” da família. Assim, Cassi foi modelado pela sociedade, da forma mais errada que um indivíduo pode aprender a construir seus próprios conceitos e se transformou em um homem sem caráter, assassino e preconceituoso, como se vê nas palavras narrador: “fizeram de Cassi o tipo mais completo de vagabundo doméstico que se pode imaginar. É um tipo bem brasileiro” (2006, p. 33)

De acordo com Barreto essa característica de homem vagabundo é típico de alguns homens brasileiros, que se identificam bastante com esse comportamento. São homens inescrupulosos, sem noção das maldades cometidas, preocupados exclusivamente em dois interesses: o dinheiro e mulher fácil. O próprio nome Cassi Jones já remete ao status e a aparência, mostra através do estrangeirismo a corrupção cultural e social como também remete ao conceito de celebridade, de alguém importante que é sempre centro das atenções.

Ao se envolver com Clara, a seduz, e tempos depois descobre que vai ser pai. Sem se importar com os sentimentos da menina, Cassi foge, e se pode relacionar essa fuga com os bandidos, criminosos, que cometem impunidades na sociedade e nem se quer são julgados, continuam soltos por aí, como se nada tivesse acontecido. Cassi não deixa de ser um desses bandidos, pois além de já ter cometido outros crimes, deixou Clara sozinha para assumir uma responsabilidade que não era só dela, fugiu sem ser punido e condenado, uma realidade até hoje presente.

Clara sem saber o que fazer, expõe o problema para sua amiga, Dona Margarida e logo depois para sua mãe Engrácia, ao saberem do acontecido decidem ir falar com Dona Salustiana, já que Cassi, o pai da criança, havia fugido. Vejamos o diálogo entre Clara, Dona Margarida e Dona Salustiana:

Dona Margarida tocou a campainha [...]. Chegou Dona Salustiana e cumprimentou-as [...]. Dona Margarida, sem hesitação, contou o que havia. A mãe de Cassi depois de ouvi-la, pensou um pouco e disse com um ar um tanto irônico:

- Que é que a senhora quer que eu faça?

Ao ouvir a pergunta de Dona Salustiana, não se pôde conter e respondeu como fora de si:

- Que se case comigo?

- Que é que você diz sua negra?

- Clara tem razão. O que ela pede é justo; e fique a senhora sabendo que nós aqui estamos para pedir justiça e não parta ouvir desaforos.

- Quem é a senhora, para falar alto em minha casa?

Dona Margarida não se intimidou:

- Sou eu mesma, minha senhora; que, quando me decido a fazer uma coisa de justo, nada me aterroriza.

- Ora, vejam vocês, só! É possível? É possível admitir-se meu filho casado com esta...

- Casado com gente dessa laia...Qual! ...Que diria meu avô, Lorde Jones, que foi cônsul da Inglaterra em Santa Catarina – que diria ele, se visse tal vergonha? Qual!

- Engraçado, essas sujeitas! Queixam-se de que abusaram delas... É sempre a mesma cantiga...Por acaso, meu filho as amarra, as amordaça, as ameaça com faca e revólver? Não. A culpa é delas, só delas... (BARRETO, 2006, p. 150-151).

Como se pode perceber Clara não teve nenhum tipo de apoio da família de Cassi, insultada de negra e irresponsável, não podia fazer nada, além de ir pra casa e cuidar do filho, sozinha. Dona Salustiana, realmente, era o tipo de pessoa da mais insignificante espécie de ser humano. Situações como essa encontramos frequentemente nas esquinas da vida, meninas jovens, já mães solteiras, sem planos para o futuro, dependendo de um e de outro para poder sobreviver, sofrendo preconceitos de uma sociedade que só sabe julgar e condenar pessoas, muitas vezes, inocentes. Clara por ser pobre e negra, foi discriminada sem direito ao menos de se explicar, de expor realmente o que aconteceu e o que ela pensava sobre o episódio.

Todas essas condições de ser e estar no mundo estão relacionadas aos mais diversos tipos de personalidades de seres humanos, dessa forma, as diferentes maneiras de pensar, de agir e interagir com os outros variam de acordo com a cultura, educação, princípios e caráter de cada um como se analisou anteriormente.

Clara não teve forças para lutar contra todos os preconceitos que a rodeava, não teve orientação para determinado comportamento, por isso, ela tinha uma visão determinista sobre suas condições de sobrevivência em um lugar repleto de insatisfações sociais. Diante de tanto sofrimento, Clara ao olhar a sua condição naquele momento, olha para a sua mãe e fala “– Nós não somos nada nesse mundo” (BARRETO, 2006, p. 152). O que se percebe nas palavras da menina é que o negro e o pobre nada são na sociedade. Porém, não é bem assim, precisamos lutar para vencer obstáculos, conquistar o nosso lugar de cidadãos, podemos tudo alcançar com pensamentos positivos e dentro da integridade e ética que cada um deve ter.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a elaboração deste trabalho e do conteúdo dos teóricos abordados nesta pesquisa, observou-se que a condição de ser e estar do homem na sociedade ainda é insatisfatório. As pessoas precisam amadurecer, a sociedade corrompe o homem e o sufoca, e isso reflete no comportamento social, apresentado neste estudo.

O espaço na obra em questão é representado pela região do Rio de Janeiro os costumes refletem-se nas atitudes e comportamentos das pessoas, isto é, a partir do momento que moramos em uma determinada região, adotamos a cultura, costumes, em virtude do ambiente e lugar que nos rodeia. Dessa forma não podemos deixar de perceber a pressão passada pela sociedade, praticamente, nos obrigando a aceitar a viver e conviver de uma forma que, na maioria das vezes, não é a vida desejada por muitos, mas a que tem que ser aceita, e o principal alvo dessa situação são os moradores do subúrbio.

Não se pode esquecer, porém que apesar do meio influenciar no nosso comportamento, essa visão pode ser diferenciada, a partir do momento que as atitudes do ser humano fizerem a diferença e não dependerem apenas do que se almeja alcançar em termos de status social. Na obra analisada o homem se mostra em uma situação dividida, de um lado a classe rica que representa o desenvolvimento e todas aquelas pessoas de poder na sociedade e do outro lado, a classe pobre representada pelo subúrbio e por aquelas pessoas sem condições nenhuma de melhoria de vida. Toda essa divisão chama a atenção do leitor para uma realidade próxima, visível principalmente nas capitais, que além da cidade em si, ainda constituiu os subúrbios repletos de problemas e o pior de tudo, um lugar esquecido por todos, em especial pelo governo.

O preconceito racial representado na obra por Clara transparece toda essa condição de inferioridade que o negro suporta até hoje na sociedade, embora, como já observamos, de forma velada. Apesar de ser um assunto bastante abordado, o negro, infelizmente, para poder vencer e ocupar um lugar respeitado ainda precisa lutar bem mais que o branco, e mesmo quando consegue um lugar de destaque, uma hora ou outra o preconceito vem a transparecer, como aconteceu com o reitor da Universidade UniPalmares que, por ser negro, foi confundido com seguranças pelos funcionários do cerimonial de que participava.

Portanto diante de todas essas abordagens, percebe-se que a sociedade precisa de uma conscientização, repensar no que diz respeito a valores, costumes, ética, respeito, participação social, e assim esperamos que ocorram mudanças na sociedade de modo que se consiga amenizar tantas injustiças e diferenças sociais.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARBOSA, Alaor. **O romance regionalista brasileiro**. Brasília: L.G.E. editora, 2006.

BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. 5 ed. São Paulo: FTD; 1998.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

BARRETO, Lima. **O feiticeiro e o deputado**. Disponível em:

<<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/LimaBarreto/OFeiticeiroeoDeputado.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2008.

BOSI, Alfredo. **Historia concisa da literatura brasileira**. 38 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil: Era realista, era de transição**. 5 ed. São Paulo: Editora global, 1999.

DINIZ, Dilma Casteli Branco; COELHO, Haydée Ribeiro. Regionalismo in FIGUEIREDO, Eunice.(org) **Conceitos de literatura e cultura**. Rio de Janeiro: EDUFF, 2005.

HALL, Stuart. Disponível em: < www.educacaoonline.pro.br/art_a_centrealidade_da_cultura.asp? - Id. Art.450>. Acesso em: 06 jun. 2008

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover:** as setas do caminho. 8 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

MARIZ, Renata. **Duplo Preconceito:** cor e gênero. Disponível em: <<http://pfdc.pgr.mpf.gov.br>>. Acesso em: 04 set 2008.

OLIVEIRA, Carla. **Comportamento:** proteção que prejudica. Disponível em: <http://www.clicfilhos.com.br/site/display_materia.jsp?titulo=Prote%E7%E3o+que+prejudica>. Acesso em: 20 jan 2009.

VICENTE, José. Somos um país de saci - pererês. Pisa: **Revista Isto é**, São Paulo, p. 02 – 04; 11 de abril 2007. Entrevista concedida a Milton Gamez.